

As armações de atum no Algarve

A visão literária de Raul Brandão, Sousa Costa e Manuel Teixeira Gomes

Tuna traps in the Algarve: The literary vision of Raul Brandão, Sousa Costa and Manuel Teixeira Gomes

Brígida Baptista

bbaptista@fcsb.unl.pt

CHAM – Centro de Humanidades NOVA FCSH/Lais de Guia – Associação Cultural do Património Marítimo Lisboa/Santa Luzia, Tavira, Portugal
ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-9734-9193>

Artigo recebido em 2023-10-24

Artigo aceite em 2023-12-20

Artigo publicado em 2023-12-20

How to cite

Baptista, B. (2023). As armações de atum no Algarve: a visão literária de Raul Brandão, Sousa Costa e Manuel Teixeira Gomes. *LIT&TOUR – International Journal of Literature and Tourism Research (IJLTR)*, (2). <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/litntour/article/view/204>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

Resumo

A pesca do atum foi desde a Antiguidade até, pelo menos, à década de 70 do século XX, uma das grandes riquezas da região do Algarve. As armações de pesca colocadas anualmente em alto mar frente à costa algarvia, tiveram um significativo impacto político, económico, ambiental e social nesta região. Estas incentivaram a deslocação sazonal de grandes massas humanas para a linha de costa, onde construíam pequenas aldeias – arraiais – para dar apoio à pesca. A influência e beleza desta pesca ficaram registadas não só na documentação histórica, mas também em produções artísticas e culturais como na pintura e na literatura. Serão considerados os relatos de viagem de três autores, através da análise do conteúdo das suas obras que enquadram a sua experiência de observação da captura de cardumes de atuns em armações fixas na década de 1920. Os verdadeiros labirintos de redes, boias e âncoras que aprisionavam estes animais durante a sua migração biológica entre o Oceano Atlântico e o Mar Mediterrâneo e também depois no seu regresso ao Oceano, foram o cenário das suas observações e narrativas.

Os textos de Raul Brandão, Sousa Costa e Manuel Teixeira Gomes serão apresentados a partir das Humanidades Azuis, que consideram nas obras literárias as relações entre as sociedades humanas e o resto do mundo natural. Esta abordagem permite-nos visitar um Algarve de outrora, em parte absorvido pelas construções no litoral e as consequências do turismo e da pressão imobiliária a que a região tem estado sujeita nas últimas décadas, no qual a relação entre as pessoas e o ambiente costeiro é o centro da história vivida e contada.

Palavras-chave

Humanidades Azuis · Pesca na literatura · Litoral algarvio · História e ambiente · Mar e animais

Abstract

From ancient times until at least the 1970s, tuna fishing was one of the Algarve region's greatest assets. The fishing traps set up every year on the high seas off the Algarve coast had a significant political, economic, environmental and social impact on the region. They encouraged the seasonal relocation of large masses of people to the coastline, where they built small villages – *arraiais* – to support the fishing. The influence and beauty of this fishing have been recorded not only in historical documentation, but also in artistic and cultural productions such as painting and literature. The travel accounts of three authors will be considered, by analyzing the content of their works, which frame their experience of observing the capture of schools of tuna in fixed traps in the 1920s. These veritable labyrinths of nets, buoys and anchors that trapped these animals during their biological migration between the Atlantic Ocean and the Mediterranean Sea, and then on their return to the ocean, were the setting for their observations and narratives.

The texts by Raul Brandão, Sousa Costa and Manuel Teixeira Gomes will be presented from the perspective of the Blue Humanities, which considers the relationship between human societies and the rest of the natural world in literary works. This approach allows us to revisit an Algarve of yesteryear, partly absorbed by construction on the coast and the consequences of tourism and real estate pressure to which the region has been subjected in recent decades, in which the relationship between people and the coastal environment is the center of the story lived and told.

Keywords

Blue Humanities · Fishing in literature · Algarve Coastline · History and environment · Sea and animals

1. Introdução

Conhecer e compreender o passado faz-se através da análise de fontes históricas, documentais ou outras, mas também recorrendo a produções artísticas de diferentes tipologias. Para além das artes visuais, a literatura e a poesia são veículos privilegiados para

analisar a observação do mudo natural e de práticas com estas relacionadas por diferentes grupos sociais, bem como, para captar as percepções e as realidades de cada momento e de cada contexto geográfico e cultural.

Neste trabalho, através da visão de três turistas literários, Raul Brandão, Manuel Teixeira Gomes e Alberto Sousa Costa, pretende-se analisar e compreender vários aspetos inerentes à pesca do atum durante a década de 20 do século XX. Estes autores, ainda que não trabalhando diretamente com as práticas e atividades que irão descrever, ganharam experiência pela visita, pela observação, pelo pensamento e palavra criada. Cada uma das obras refere-se a um Algarve bem definido, tanto no tempo como no espaço, a nível económico, social e ambiental, oferecendo-nos uma visão geral desta pesca do atum e de toda a sua envolvimento geográfica e cultural.

Foram escolhidos estes três textos, por todos se inserirem dentro da mesma década, a dos anos 20 do século XX, de forma a compreender pontos comuns e contributos dos autores para uma visão mais *sui generis* e particular sobre a pesca nesta época. Em termos cronológicos, na década de 20, a Europa reerguia-se, ainda, da I Guerra Mundial (1914-1918), a qual provocou grandes perdas humanas, com profundas transformações sociais, culturais e políticas. Este foi o período temporal selecionado, cheio de mudanças de paradigmas e de mentalidades, com consequências também em Portugal (França, 1983). A guerra, foi ela própria, motor de uma literatura, muitas vezes dramática e patriótica, onde se insere, por exemplo, *os pescadores* de Raul Brandão. O próprio Teixeira Gomes é, em 1923, eleito presidente da República e em 1927, o seu texto “*Uma copejada de atum*” é publicado na Revista Seara Nova. Uma revista de doutrina e crítica, criada em 1921, numa época de remodelação mental e moral da Nação (França, 1983: 828). Por último, Sousa Costa, tem também um vasto currículo literário e inclui o um capítulo intitulado “*tourada do mar*” na sua obra *As Grandes Amoras*, publicada no Rio de Janeiro em 1923.

Um dos aspetos comuns a estes relatos é o facto de todos se referirem a capturas de atuns em armações no barlavento algarvio, provavelmente porque todos tinham contactos com donos de companhias/empresas de pesca nessa zona. Raul Brandão, justifica o motivo de assistir à pesca no barlavento

algarvio, pelo facto das águas em Tavira, estarem sujas e dificultarem a pesca, um dado ambiental importante.

Por fim, a atividade piscatória tinha em si um cenário *sui generis*, que provocava um misto de emoções e sensações, que os autores descrevem, entre a beleza e o espanto do que era a captura desses cardumes, não só a quem os capturava, mas também a quem assistia. A pesca do atum e as obras literárias que a descrevem permitem-nos olhar para o mar e os seus animais e recursos com outro olhar e aceder a outras formas de os sentir e interpretar.

2. Breve revisão da literatura

Há toda uma estética própria, relativamente específica deste tipo de produções literárias, que se encontra nos autores e obras analisadas, criando uma proximidade entre as pessoas e a zona costeira, o mar, os animais e as práticas humanas (Camões, 2002 [1572]; Anderson, 2013 [1958]; Torga, 1999). Há uma relação histórica entre sociedades humanas e o mar que se reconhece e se reencontra nas análises críticas destas, e outras, obras (Mentz, 2009; Gillis, 2013). A utilização do mar e dos seus recursos transforma-se, assim, numa manifestação cultural.

A análise de textos literários e a sua contextualização em termos ambientais, ecológicos e de práticas extrativas (a pesca) são um dos pontos centrais das humanidades ambientais (ou humanidades azuis, isto é, humanidades para os oceanos). Assim, o mar e os seus recursos, ganham ao longo da história, novas formas de interpretação e novos significados à medida que a exploração, a experiência e o conhecimento aumentam (Mentz, 2009: 997). Neste caso, ao fazermos uma breve abordagem ecocrítica dos autores e das suas produções, conseguimos aprofundar a perceção (externa – como visitante, como turista literário) de uma atividade que fazia parte do quotidiano dos pescadores, mas que estava longe dos olhos dos consumidores e dos leitores.

Por último, a história da pesca do atum é escrita há vários séculos. Foi revista, por exemplo, por Baldaque da Silva (1891) e mais recentemente por Luís Santos (1989), Fausto Costa (2000), que experienciou o quotidiano de uma armação, José Mesquita (2009) e Lese Costa (2013), esta última, numa abordagem à História Ambiental do atum nos últimos 200 anos.

3. A pesca de atum no Algarve

A pescaria deste peixe não só é proveitosa, [...] mas também de muito gosto e desenfado, porque [...] acode a ela grande soma de pescadores de todo Algarve, com suas mulheres, filhos e outra chusma e fazem suas cabanas por toda a costa onde estão as armações e continuamente acode a eles toda a gente de maneira que cada armação parece a feira.

Frei João de São José, 1577

A pesca do atum na costa do Algarve teve, em termos históricos, um papel crucial na economia da região, a qual está documentada arqueologicamente desde a II Idade do Ferro (séc. V-II a.C.) (Maia, 2003). Foram identificados vestígios arqueológicos da época fenícia em Tavira, Faro, Lagos, Toscanos, Cádiz, Castro Marim, Cerro del Villar, como vários utensílios de pesca de animais de grande porte identificados como pesos de rede, anzóis e agulhas (Lourenço, 2010: 28). Da época romana, está comprovada a importância do atum, não só com as cetárias para os preparados de peixe, mas também com a cunhagem de moeda (que contém a figura de barcos e de atuns). No caso da região algarvia podemos enumerar vestígios desta pesca, em Faro, Lagos, Quinta do Marim (Olhão), Ferragudo e em Balsa, no concelho de Tavira e nos mosaicos da *villa* romana de Milreu, em Estoi. No caso das cunhagens de moedas locais, a representação de barcos e atuns, aparece em Ossoyba (Faro) em Balsa (Luz de Tavira), respetivamente. Da época islâmica são poucos os dados, já que, no caso das fontes históricas, nomeadamente as escritas, a restrição linguística constringe o seu estudo. Contudo, persistiu, deste período, o termo *almadrava* para definir as armações fixas, compostas por redes, cabos, boias, pedras, pesos de cerâmica ou âncoras que as fixavam (Chagas, 2001: 133), que perduraram até ao século XX. O termo *almadrava* manteve-se no vocabulário português, ainda em época cristã, até meados do século XVIII, surgindo em sua substituição o termo *armação* (Silva, 1966: 73). Porém, é a partir da Reconquista Cristã que surge grande parte da documentação escrita. O primeiro documento conhecido a referir esta atividade, e manifestando a sua importância, foi uma carta régia de D. Dinis,

datada de 1305, concedendo licenças a italianos para lançarem armações ou almadravas para a pesca do atum, de Sines a Setúbal (Lopes, 1841: 87; Costa, 2000: 59). Em 1368, já no reinado de D. Fernando, estabeleceram-se sicilianos em Lagos para dirigirem as armações (Lopes, 1841: 87). No século XVI, Frei João de São José (1577) refere a pesca do atum do Estreito de Gibraltar ao Mediterrâneo (Guerreiro & Magalhães, 1983), indicando doze armações (Costa, 2000: 61). No século XVII, Alexandre Massai, engenheiro italiano ao serviço de Filipe II de Portugal, fez um minucioso relatório de inspeção ao Algarve, assinalando dezoito armações no Barlavento (Guedes, 1988; Massai, 1621). Em 1773, o Marquês de Pombal criou a Companhia Geral das Reais Pescas do Reino do Algarve de forma a revitalizar a atividade (Lopes, 1841: 89). No século XIX, D. Pedro IV (Decreto nº 24 de 6 de novembro de 1830) aboliu o direito senhorial da Coroa sobre a pesca do atum (Costa, 2000: 67). Foi durante esta época que surgiram as empresas/companhias de gestão das armações da costa algarvia, cujo fim aconteceu no ano de 1972.



Figura 1. Vista parcial de um antigo arraial de cabanas em junco. Fonte: Santos, 1989: 61

Analisar esta pesca, permite-nos entrar no mundo técnico e prático da pesca em si, cujo léxico é rico, mas muito particular. A pesca do atum, tal como muitas outras, tem um vocabulário próprio, que nem sempre permite ao leitor compreender o que o autor descreve, como é o caso do termo *copejada* referido por Teixeira Gomes. A *copejada* ou *levantada*, são ambas expressões utilizadas para definir a pesca, uma vez que a captura dos atuns é realizada dentro do *copo* da armação. A área é composta por uma extensa rede disposta em forma de balão, que é puxada ou *levantada* à mão pelos pescadores para trazer à superfície os cardumes de atuns. Para

além destes, existem outros termos considerados essenciais, quando se trata desta atividade, como o *arraial* – pequena aldeia de pescadores e famílias, composta de casas, armazéns e zonas de trabalho para dar apoio à pesca.

O outro termo é a *armação*, o dispositivo de pesca, composto de redes, fixada por grandes âncoras ao fundo do mar de forma permanente desde março a setembro. É composta de diferentes áreas (*corpo*, *guia* e *rabeira*) e disposta em relação à linha de costa consoante a direção do atum – *direito* ou *revés*. A própria ação da pesca, como já referido, tem diferentes designações, como são, a “*tourada marinha*” (Araújo, 2011: 22 *apud* Almeida, 1903) “*tourada do mar*” (Castro, 1923: 76), “*toirada*” (Gomes, 1927: 205) e a “*copejada de atum*” (Gomes, 1927: 203-207).

Com esta breve análise histórica, compreende-se a importância que a pesca do atum, teve para esta região inspirando muitos autores a descreverem-na com diferentes visões, consoante o seu olhar e experiência.

3.1. “A pesca do atum” de Raul Brandão, 1923

Raul Germano Brandão, foi um escritor português nascido a 12 de março de 1867, na Foz do Douro, onde passou a infância. Ao longo da vida criou um importante e vasto legado literário, do qual aqui se destaca a obra *Os Pescadores*, publicada 1923, dividida em dezasseis capítulos que representam um conjunto de crónicas sobre as comunidades piscatórias portuguesas de norte a sul de Portugal. A vida de Raul Brandão foi marcada por naufrágios e mortes, tema presente na sua escrita, como se observa na dedicatória deste livro, com as palavras “À memória de meu avô, morto no mar”, dirigidas ao avô materno, pescador, falecido num naufrágio (Brandão, 1923). Esta obra é uma referência histórico-antropológica quando se estudam as comunidades piscatórias do litoral português. Destaca as histórias e as vivências singulares de cada uma delas, que são diferentes entre si, sujeitas a um conjunto de variantes que as tornam únicas. Fatores como o próprio território, a sua geologia, a paisagem envolvente, a linha de costa, os acessos ao mar, as tempestades e bonanças e outros perigos, que influenciam e moldam cada comunidade. Aqui, expressa-se a veneração e respeito por estes heróis, os pescadores. Destacam-se, não só, as descrições sociais das comunidades, mas também da sua arquitetura, das técnicas de pesca,

com relevo para a pesca da sardinha e do atum. Neste último caso, destaca-se o Algarve, e os dois capítulos, que referem o atum e a sua técnica de pesca nas antigas armações, em Tavira (Brandão, 1923: 301-306) e na Baleeira (Brandão, 1923: 306-311), ambos escritos no verão de 1922. No primeiro capítulo, para além da descrição da cidade de Tavira e das suas singularidades arquitetónicas, também destaca as suas gentes, e as técnicas de pesca onde refere que no mar ao longo da sua costa existem várias armações de atum como a do Medo das Cascas, Abóbora, Barril e Livramento (Brandão, 1923: 304). Admite o desconhecimento sobre a pesca do atum, *que ninguém conhece nada [...] que se pesca ao acaso e às cegas* (Brandão, 1923: 304), sendo um apontamento curioso, uma vez que as armações colocadas no mar nessa época tinham áreas definidas e distâncias impostas umas em relação às outras, assim como marcas no território para a sua implantação – marcos territoriais no cordão dunar, visíveis no mar (Galvão, 2008: 92) (Figura 2).



Figura 2. Marco territorial na Praia da Terra Estreita.
Fonte: Brígida Baptista

Porém, Raúl Brandão mostra-se conhecedor da migração biológica do atum, entre o Oceano Atlântico e o Mar Mediterrâneo, fazendo menção aos meses de passagem, utilizando os termos “direito” e “revés”.

A indicação do roaz¹, ou roaz de bandeira, que pela referência no texto “*com a bandeira da barbatana fora de água*” (Brandão, 1923: 305) indica-nos a presença de uma orca, o maior inimigo do atum. A aproximação ou a entrada deste animal dentro de armação, provocava o pânico nos atuns e conseqüentemente podia provocar danos estruturais ou até a perda total das redes, o que colocaria em risco a campanha de pesca dessa temporada. Na literatura o roaz, refere-se a grandes peixes pelágicos, ou mesmo a algumas espécies de cetáceos. No entanto, o nome comum do animal, pode ser utilizado para várias espécies marinhas diferentes (sejam, diferentes espécies de peixes ou mesmo de cetáceos), o que pode criar confusão ao lermos os textos.

O autor dá-nos informações gerais da estrutura da armação e da sua forma de implantar no mar para capturar os cardumes, mas sem referir se visitou alguma das quatro armações desta cidade. No final da descrição, há informações ambientais, uma vez que refere a ausência de atum nos mares de Tavira, *um dos grandes centros da pesca de atum* (Brandão, 1923: 304), devido às suas águas vermelhas e negras com fosforências noturnas.

Interessante a vivência de uma levantada de atum feita pelo autor, na armação da Ponta da Baleeira, Albufeira. A descrição etnográfica mostra-nos um quadro impressionante de movimento e cor, numa composição cheia de sensorialidade (Carmo, 2009: 140-141), onde a narrativa é de tal forma descritiva que se torna visual, sonora e olfativa, transportando o leitor para dentro da ação. Vejamos a descrição de quando se erguem as redes do copo e o peixe começa a surgir à superfície do *copo*, e os pescadores iniciam a sua captura de *bicheiro* na mão:

A gritaria aumenta – Eh! Eh! – uma mixórdia que me cansa. [...] um grito de triunfo, o grito da matança que explode numa alegria feroz, a alegria primitiva: Eh! Eh!... – num quadro imutável, todo vermelho e negro (Brandão, 1923: 311).

¹ No *Atlas de Mamíferos de Portugal* a orca é também referida como roaz-de-bandeira, com distribuição na costa do Algarve nos meses de junho e julho. Segue as migrações dos cardumes de atum para o Mediterrâneo (Bencatel et al, 2017: 174)

A leitura destes dois capítulos permite uma compreensão e a construção de uma ideia particular, sobre esta pesca, a sua organização no mar e de como o sotavento e o barlavento algarvio se conectam através dela. Apesar da armação ser de uma companhia de Albufeira, o atum capturado era transportado por mar até à lota Vila Real de Santo António. Da lota, segue para as fábricas, onde se aproveita tudo, porque é afinal o porco do mar (Brandão, 1923: 313), das cartilagens e dos restos do animal, depois de tratados, faz-se o *guano*, um fertilizante utilizado na agricultura.

Para fechar a sua narrativa, Brandão demonstra ao leitor, através de uma analogia, a importância e o valor monetário desta indústria de pesca ao referir que *um atum vale hoje quinhentos mil réis, o antigo preço de uma quinta apalaçada*. (Brandão, 1923: 313)

3.2. "Tourada do mar" de Sousa Costa, 1923

Alberto Mário de Sousa Costa, nasceu a 10 de maio de 1879 em Vila Pouca de Aguiar, foi escritor, teatrólogo, conferencista e académico², com uma vasta obra literária. O texto que aqui se analisa, é um capítulo da obra *As Grandes Amoras*, publicada no Rio de Janeiro em 1923. Dos três textos este é, sem dúvida, o mais longo e descritivo, o que exige ao leitor uma maior atenção, uma vez que o autor deambula entre história, mitologia e literatura juntando tudo na descrição da pesca do atum. Apresenta uma longa introdução e uma longa conclusão, em que todo o discurso tem um toque de romantismo. Porém, para chegar até ao mar algarvio e às suas armações de atum, há que atravessar o Alentejo, pois é aqui que a descrição se inicia, descrevendo a serra e os seus aspetos, o barrocal, os seus recursos, os aspetos da vegetação, a geologia, as casas e a brancura da cal, até terminar com as amendoeiras em flor em pleno território algarvio. Neste momento, entra-se noutro universo descritivo, o das armações de atum, "*desde barlavento a sotavento, desde as de Reguengos, as da Piedade, as da Albufeira, às da Fuzeta e de Tavira*" (Costa, 1923: 61), destacando as do concelho de Tavira – Senhora do Livramento, Medo das Cascas, Abóbora e Barril (Costa, 1923: 61).

Comparativamente aos outros dois textos, este refere e explora outros aspetos inerentes a esta pesca, como é o caso da vertente religiosa, pois, toda a logística de colocação da armação no mar, no mês de abril, é precedida de uma cerimónia católica³ de benção das redes pelo *Padre Prior da freguesia* (Costa, 1923: 64). A este cerimonial, assiste toda a *companha*⁴ e os seus superiores hierárquicos, que compunham esta pesca – mandador, escrivão, preguiceiros e companheiros (pescadores), acompanhados das mulheres e filhos, mas também dos seus pais e mães, que de joelhos cantam em coro o *Salvé Rainha*. Apresenta dados históricos muito pontuais, ignorando os anteriores à época cristã, afirmando que "*a de hontem não me interessa*" (Costa, 1923: 62). Misturando a religião e a biologia, fornece alguns apontamentos sobre o recurso, destacando que na sua migração biológica anual, entre o Atlântico e o Mediterrâneo, "*uma espécie de peregrinação religiosa*" (Costa, 1923: 72), este animal prefere as águas límpidas, aproximando-se da linha de costa.

Outro facto curioso é a referência aos monstros marinhos, não os da antiguidade, mas os atuais, como o polvo, o tubarão, a baleia e o espadarte. Relativamente a este último, curiosamente refere que "*os pescadores algarvios o designam de roaz*" (Costa, 1923: 70), o que não é verdade, como anteriormente já se referiu.

O autor, refere-se ao atum, como *o nosso viajante* (Costa, 1923: 69), introduzindo por diversas vezes aspetos históricos romanceados. Nomeia grandes autores e personalidades de diferentes épocas, cruzando-as com analogias para demonstrar e enaltecer ainda mais, a beleza desta pesca e a sua sabedoria intelectual. Compara esta pesca à tourada, comparando o touro e o atum e os seus dois cenários, na arena e no mar, que decorrem dentro de um misto sensorial de beleza e terror, sobressaindo muitas vezes a referência do sangue a jorrar:

É tourada e batalha. É riso e loucura. É trabalho e chacina. É cubiça e valentia.

³ *Benedictio novae navis* (Costa, 1923: 64).

⁴ No texto está escrito *campanha*, porém a palavra correta, neste caso, é *companha* – tripulação de uma embarcação ou conjunto de pescadores de uma armação de pesca (Leitão & Lopes, 1990: 170).

² Centro Nacional de Cultura: https://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/13099

É destreza e barbarismo – tudo em grande, enorme, formidável! [...] O obscuro casa-se com o religioso” (Costa, 1923: 76).

Finalizado o copejo⁵, o destino são as fábricas conserveiras, que um pouco por todo o Algarve recebiam e transformavam este recurso para ser vendido no mercado nacional e internacional. Na descrição o autor, deixa transparecer o saudosismo por um Algarve que em “*epocas afastadas [...] era mimoso de atum fresco. E só o que sobejava do consumo imediato se levava à salgadeira*” (Costa, 1923: 79) o que mudou, num Algarve industrializado e abundante em fábricas.

3.3. “Uma copejada de atum” de Manuel Teixeira Gomes, 1927

Manuel Teixeira Gomes, nascido em 1860 em Vila Nova de Portimão, foi escritor e político, desempenhando o cargo de sétimo Presidente da República entre 1923-1925. Renunciou ao cargo no final de 1925, quando partiu em viagem pelo norte de África e Europa. O texto “*Uma copejada de atum*”, foi escrito, durante a sua estadia em Tunes na Tunísia, a 24 de dezembro de 1926 e publicado na revista Seara Nova em 29 de setembro de 1927 (Gomes, 1927: 203-207)⁶. A descrição inicia-se dirigindo-se a um amigo, onde na sua distância geográfica, recorda a costa do Algarve e a pureza da água do mar que lhe serviu tantas vezes de inspiração e fazendo alusão a uma antiga promessa que fez a Jaime Cortesão, “*se não me enganar – de dar para o Guia de Portugal dos rapazes da Seara Nova, a descrição de “uma copejada de atum”*” (Gomes, 1927: 203). Este, é dos três textos, o único que contém ilustrações, duas mais precisamente, de Roberto Nobre (1903-1969), ambas do interior do copo da armação (Figuras 3 e 4).

A visita à armação, foi a convite de amigos, donos de um arraial de pesca, na praia do Carvoeiro, frente à qual, era lançada uma armação de atum. Aqui, assistiu pela primeira vez ao *espectáculo de uma copejada* (Gomes, 1923: 203). A sua experiência começa ainda no arraial, ao final da tarde, ao ser

recebido como convidado pelo diretor técnico da sociedade, que após o jantar lhe dá informações sobre a armação e os costumes do atum. A aventura de assistir à copejada inicia-se bem cedo, antes ainda do sol nascer, quando o barco o leva até à armação, onde já se encontra a campanha de pescadores a preparar as logísticas para a pesca. Descreve, sucintamente, as áreas principais da armação e a ida para o mar, logo de manhã, onde já a *companha* estava a preparar-se para a *levantada*. Outros aspetos que salienta são as águas límpidas, assim como considerações acerca do atum pescado: o atum direito é utilizado para as conservas e o atum de revés para salgar (Gomes, 1927: 204).

Antes da *levantada* de atum, surgem as sardinhas e nada se desperdiça dentro desta grande rede. Um dos pescadores passou uma rede chamada *muleta*, para apanhá-las e logo as distribuí pelas embarcações presentes para serem prontamente assadas nos fogareiros de barro que cada barco trazia, acompanhadas de vinho. Ao prever uma grande copejada de atum, chegaram lanchas para os carregar, e transportar até à lota de Vila Real de Santo António, que já haviam sido informados por telégrafo.

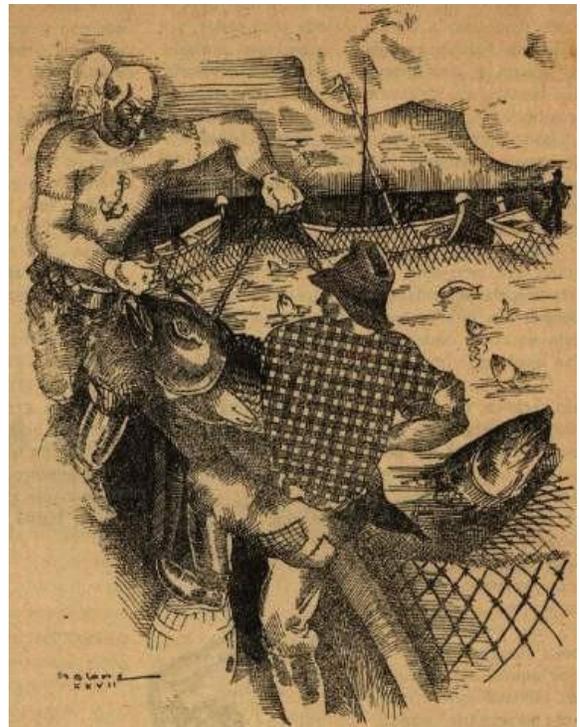


Figura 3. Copo da armação, ilustração de Roberto Nobre. Fonte: Gomes, 1927: 205

⁵ Copejo ou copejar – ação de retirar os atuns dentro do *copo*, por meio de um *bicheiro* (Leitão & Lopes, 1990: 179).

⁶ Em linha https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000000708/3.

Assiste a uma grande levantada com a captura de mais de 1300 cabeças de atum a qual denomina como *toirada* e escreve como um *espetáculo de colossal carnificina* (Gomes, 1927: 206). Informa-nos, à semelhança dos outros autores, que os pescadores têm na mão um bicheiro para capturar os atuns de dentro da armação.

No final da copejada e para deleite do convidado, o diretor informa “*agora vou-lhe mostrar um quadro da mitologia*” (Gomes, 1927: 206), quando um dos pescadores de seu nome Serafim, mergulhou para dentro do *copo* da armação, para cavalgar um atum para deleite de muitas pessoas (Figura 4). Esta é uma cena descrita em todas as narrativas, o que nos indica uma prática comum nesta pesca, conferindo um sentido simbólico ao pescador que realiza esta ação, Sousa Costa, denomina-o de *centauro dos mares* (Costa, 1923: 77), Brandão de *velho deus marinho* (Brandão, 1923: 311) e por último Teixeira Gomes, que descreve o pescador com um tronco de couraça grega (Gomes, 1927: 206).

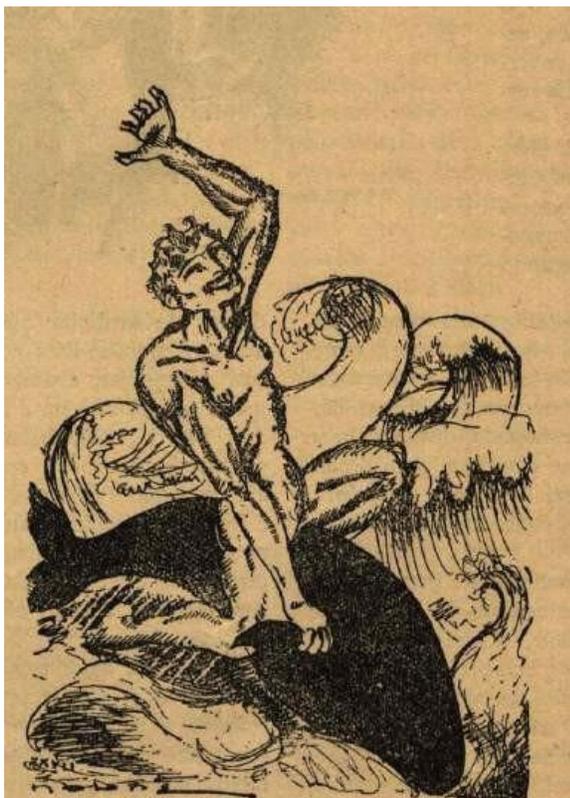


Figura 4. Pescador e atum, ilustração de Roberto Nobre.
Fonte: Gomes, 1927: 206

4. Conclusão

A análise dos três textos permite-nos olhar para um Algarve desaparecido e, através das descrições, com alguns aspetos romantizados e outros detalhes mais técnicos, recordar – ou mesmo vivenciar – o quotidiano destas armadilhas de pesca, do ponto de vista de um turista literário. Estes relatos dão-nos acesso a informações sobre hierarquias regionais, geografia costeira, locais de controlo, captura e venda, biologia do recurso, embarcações e referências à construção das próprias armadilhas e aos seus nomes peculiares. Estes textos revelam uma mistura de sentimentos vividos e descritos pelos três autores na primeira pessoa, com excertos que nos demonstram a estranheza e a beleza que este “espetáculo” criava. Todos eles primam por serem muito descritivos e por transportarem o leitor para um cenário visual e sensorial, pleno de cheiros, silêncios, gritos e visões que nos colocam “dentro” do episódio descrito. O universo associado a esta prática, descreve a interação entre homens e animais, numa luta desigual de sobrevivência, onde sobressai, no final, um mar vermelho de sangue do animal capturado. Aqui, a pesca do atum abre-se a todos e torna-se um espetáculo, cria o seu próprio público, produz espectadores.

Uma das lacunas quando se estuda esta pesca nas diferentes épocas é a falta de documentação escrita, não apenas a mais técnica⁷, mas também das diferentes visões humanas de quem aqui trabalhou e viveu⁸. Atualmente, esta pesca mantém-se viva nas recordações de homens e mulheres que a vivenciaram na primeira pessoa. Estes patrimónios vivos, estão integrados em comunidades piscatórias, grande parte delas já absorvidas ou a desaparecerem em consequência de uma pressão imobiliária desmedida na região. Um património imaterial que urge recolher, valorizar e salvaguardar, para que as suas memórias e relatos possam persistir na história não apenas local, mas que possam ser reconhecidos também

⁷ Referimo-nos a documentação das companhias de pesca, onde se inserem os registos de animais capturados, vendas em lota, valores de receita, entre outras informações que permitiram aceder a um pouco mais de informações sobre o quotidiano desta pesca no Algarve.

⁸ No caso das classes mais baixas, a dos pescadores e suas famílias, o grau de analfabetismo, criou um vazio de informação, que está apenas acessível nas suas memórias e nos seus relatos orais.

a nível nacional⁹. Existem, unicamente, vestígios materiais visíveis de dois arraiais no concelho de Tavira, o mais antigo na Praia do Barril, na freguesia de Santa Luzia, e o outro no Hotel Vila Galé Albarcora, em Tavira. Consideramos que, a inigualável importância histórica da antiga pesca do atum, vai-se assim desvanecendo a cada dia, o que fica faz parte da história, acessível apenas pela documentação escrita, pela pintura, fotografia e na literatura, que a permite recordar.

⁹ Trabalho desenvolvido desde 2014, pela Junta de Freguesia de Santa Luzia e pela Lais de Guia – Associação do Património Marítimo com sede em Santa Luzia, pela investigadora Brígida Baptista, autora deste artigo.

Referências bibliográficas

- [1] Araújo, Agostinho (2011). Críticos e crítica de arte em torno da obra de D. Carlos de Bragança In *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil – Homenagem a Arnaldo Saraiva*, Isabel Morujão e Zulmira C. Santos (coord.). Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». Edições Afrontamento, Lda, pp. 16-34.
- [2] Anderson, Sophia de M. B. (2013 [1958]). *Mar novo*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- [3] Bencatel, J., Alvares, F., Moura, A., Barbosa, A.M. (ed.) (2017). Orca In *Atlas de Mamíferos de Portugal*. Évora: Universidade de Évora, pp. 174-175.
- [4] Brandão, Raul (1923). *Os Pescadores*. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand [em linha] <https://purl.pt/14695>
- [5] Camões, Luís Vaz de (2002 [1572]). *Os Lusíadas*. 1.ª ed. Lisboa: Rei dos Livros.
- [6] Carmo, Carina Infante do (2009). O Algarve em *Os Pescadores de Raul Brandão In Viajantes, Escritores e Poetas – Retratos do Algarve*. Lisboa: Edições Colibri/CELL/UALG, pp.133-147.
- [7] Costa, Fausto (2000). *A pesca de atum nas armações da costa algarvia*. Lisboa: Editorial Bizâncio, Lda.
- [8] Costa, Lese M. (2013). *O Atum em Portugal de 1896 a 2011: Contributos para a sua história ambiental, ecológica e económica*. Dissertação de mestrado em Ecologia e Gestão Ambiental, Departamento de Biologia Animal. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- [9] Costa, Souza (1923). *Tourada no mar. As grandes amorosas*. Rio de Janeiro: Álvaro Pintor editor, pp.49-79.
- [10] França, José-Augusto (1983). Sondagem nos anos 20 – cultura, sociedade, cidade In *Análise Social*. vol. XIX (77-78-79), 1983-3º, 4º, 5º, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 823-844.
- [11] Galvão, António M. (2008 [1948]). *Um século de história da Companhia de Pescarias do Algarve*. Faro: Companhia de Pescarias do Algarve.
- [12] Gillis, Jonh R. (2013). The Blue Humanities, Humanities, May/June, Volume 34, Number 3 [em linha] <https://www.neh.gov/humanities/2013/mayjune/feature/the-blue-humanities>
- [13] Gomes, Manuel Teixeira (1927). Uma copejada de atum. In *Revista Seara Nova*, Ano VI, nº 107, pp. 203-207.
- [14] Guedes, Lívio (1988). *Aspectos do Reino do Algarve nos séculos XVI e XVII. A “Descrição” de Alexandre Massai (1621)*. Lisboa: Arquivo Histórico Militar.
- [15] Leitão, Humberto, Lopes, J. Vicente (1990). *Dicionário da linguagem de marinha antiga e atual*. 3ª edição, Lisboa: Edições Culturais da Marinha.
- [16] Lopes, João B. S. (1988 [1841]). *Corografia ou Memória económica, estatística e topográfica do Reino do Algarve*. 2 volumes, Coleção Temas e Estudos algarvios n.º 11, Faro: Algarve em Foco Editora.
- [17] Maia, Maria (2003). O Bronze Final Pré-Fenício no Concelho de Tavira, In *Tavira, Território e Poder*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 39-47.
- [18] Mentz, Steve (2009). Toward a Blue Cultural Studies: The Sea, Maritime Culture, and Early Modern English Literature. *Literature Compass* 6/5, [em linha] <https://stevementz.com/wp-content/uploads/2012/07/Toward-a-Blue-Cultural-Studies.pdf>, pp. 997-1013
- [19] Mesquita, José Vilhena. (2009). A pesca do atum no Algarve. Disponível em: <http://algarvehistoriacultura.blogspot.com/2009/07/pesca-do-atum-no-algarve.html>
- [20] Quinteiro, Silvia, Baleiro, Rita (2017). *Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais*. Lisboa: Centro de Estudos Comparatistas. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.
- [21] Santos, Luís (1989). *A pesca do atum no Algarve*. Olhão: Parque Natural da Ria Formosa.
- [22] Silva, A.A. Baldaque da (1891). *Estado actual das pescas em Portugal, compreendendo a pesca marítima, fluvial e lacustre em todo o continente do Reino, referido no anno de 1886*, Lisboa: Imprensa Régia.
- [23] Silva, Joaquim (1966a). *Armações de pesca*, dissertação de licenciatura em Geografia, vol. 1, Lisboa: CEG – Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- [24] Torga, Miguel (1999). *Antologia Poética*, 5.a ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote.